

# ***O corpo e a sociedade: a interpretação histórica e social do corpo humano***

Uma revisão da literatura

**Domingos Virgílio Esquadro<sup>1</sup>**

*Universidade Pedagógica – Delegação de Tete*

## RESUMO

Ao longo da história, o corpo do Homem foi tratado de forma contraditória e tendenciosa, visto que a maior parte do tempo a humanidade privou-se em tratar o corpo dentro do simplismo do pensamento primitivo na qual interpretava que o corpo humano poderia ser percebido em duas dimensões, a física e a psicológica. Nesta lógica, nota-se que o predomínio da valorização dos pensamentos, ideias e conceitos que focalizavam dualismo psicofísico tinham como intuito de simplificar a interpretação fenomenológica de tudo que acontecia no corpo. O Homem na qualidade de um sujeito manipulável, o seu corpo acaba sendo objecto de significados e significantes que podem ser: sociais, culturais, políticos, económicos, étnicos, raciais...

Partindo do pressuposto de que o corpo é o sinónimo de uma multiplicidade, o presente artigo que se intitula por: *O corpo e a sociedade: a interpretação histórica e social do corpo humano* visa trazer à ribalta algumas reflexões que fazem análise retrospectiva da forma como o corpo foi tratado ao longo do tempo e na elaboração foram revistas várias obras, artigos, revistas, periódicos que versam sobre o corpo em várias áreas de estudo.

Palavras chave: Corpo, Homem e história.

“Não existe sujeição tão perfeita quanto aquela que conserva a aparência de liberdade”.

Rousseau

## **INTRODUÇÃO**

O corpo é alvo das interpretações históricas, culturais, sociais, econômicas, religiosas e étnicas, isso contribui para que encontremos posicionamentos, anatómicos, fisiológicos, filosóficos, antropológicos, sociológicos... Deste modo, podemos observar que, o quotidiano dos primatas era marcado pelo uso do corpo para ultrapassar as suas dificuldades, os Índios entendiam que o corpo aprisionava o espírito, os Egípcios mumificavam os corpos dos ricos e sacerdotes servindo-os de moradia da alma na eternidade. Os gregos defendiam o hedonismo, o cristianismo considerava o corpo como o santuário da alma, no renascimento o corpo passa a ser o objecto de estudos, na era moderna o corpo é disciplinado... em todo este percurso à imagem do corpo do deficiente era visto como uma imperfeição humana. O presente artigo visa trazer uma abordagem holística à respeito da forma como o corpo foi tratado ao longo da história e para a sua realização baseou-se na consulta do acervo bibliográfico que versa em torno do tema em destaque.

Palavras chave: Corpo, Homem e história.

## **CONCEITO DO CORPO**

Desde tempos imemoriais o corpo foi a medida de todas as coisas (media-se o mundo com o corpo e com os seus produtos e actividades. (BENTO, 2003), assim sendo «nós somos o nosso corpo! Ele é medida e expressão do nosso» (MARCEL-MAUSS 1872-1950), deste modo, «o corpo é ao mesmo tempo uma massa, um invólucro, uma superfície que se mantém ao longo da história em suma, o corpo é um ente, composto por carne, ossos, órgãos...(MENDES, 2006), o (GLUSBERG, 1987), acrescenta dizendo que “o corpo é uma matéria moldada pelo mundo externo, pelos padrões sociais e culturais, e não pela fonte da sua origem e seus comportamentos”

## **PRÉ-HISTÓRIA**

O homem primitivo talvez seja único e original, no que tange ao modo de viver em um ambiente e se percebe como parte dele. Os trabalhos rupestres mostram a representação de corpo do homem primitivo. As posturas e posições corporais, expressadas nos desenhos, dão alguma informação de como os homens primitivos concebiam o corpo. (COSTA, 2011).

O quotidiano dos primatas era marcado pela luta na busca do alimento, usando seu corpo para solucionar os problemas diários, tais como: beber água no rio usando as mãos em formato de concha, cavando a terra com as mãos em formato de garras para agarrar, pegando, saltando, caminhando, agachando enfim, isso Talvez permite vislumbrar o papel do corpo como mediador entre o homem primitivo e as superações das dificuldades ambientais. (COSTA, 2011). No período pré-histórico, a sociedade primitiva dependia do que a natureza podia lhes oferecer, necessitando assim deslocar-se constantemente. “[...] em função desta prática, abandonavam aqueles que não pudessem mover-se com agilidade ou que tivessem alguma diferença que impedisse sua mudança de um lugar para outro com agilidade” (CASCAVEL, 2006).

## ANTIGUIDADE

A concepção de corpo emerge de cultura milenar, cujo entendimento da materialidade do corpo aceita a sua *pluralidade*, em camadas sobrepostas e interdependentes, que identificam as dimensões do corpo: a física, a fisiológica, a energética... e o corpo material se constitui de outros tantos corpos: o mental, emocional, espiritual, e todos formam partes de um só corpo... (COSTA, 2011). O mesmo autor acrescenta que «a cultura asiática entende que o corpo aprisiona o espírito com suas necessidades e dependências que são causadoras das sensações de incompletude e insatisfação que submetem o corpo a um estado de sofrimento constante. Os egípcios mumificavam os corpos dos *ricos, cultos e sacerdotes* para que estes servissem de moradia da alma, na eternidade. Em outras culturas, o corpo cremado incandesce com o efeito do fogo *símbolo da purificação e da renovação*, vira cinzas e solta fumaça. Os indianos cremam o corpo para liberar o espírito da matéria e alcançar a vida eterna, embalado pela fumaça que sobe aos céus. (COSTA, 2011).

## ANTIGUIDADE GREGA

O hedonismo se refere ao modo de vida de determinados grupos de pessoas, cujo único interesse é a satisfação dos desejos do corpo. Sócrates destacou o corpo como recurso importante na procura de respostas que levariam ao conhecimento. (COSTA, 2011), para além do Sócrates que aborda a respeito do corpo, outro filósofos Grego, Platão (428/27-348/47 a.C), «delegou ao corpo em dimensão: racional, o irracional e o apetitivo e concebeu o corpo como uma prisão da alma e teve a percepção de que o corpo teria funções subjetivas» (COSTA, 2011). Podemos ver que «a cultura grega em geral, difundida nos contextos das cidades-estado, deixa pistas da concepção diferenciada de corpo, em Esparta, o perfil de homem predominante na educação dos jovens era o da virilidade, força e coragem, atributos essenciais aos soldados destinados às guerras e em Atenas o perfil se definia pela formação do jovem, hábil nos jogos individuais e coletivos, versado nas artes na literatura, na oratória e na filosofia, atributos do homem culto. (COSTA, 2011).

Nesta lógica «o corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade, para os gregos, cada idade tinha a sua própria beleza e o estético, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante, (BARBOSA et al, 2011),o único paradoxo era de que «o corpo era pensado e produzido no masculino», (ROSÁRIO, 2006). Deste modo excluindo todas as faixas do género feminino e a sociedade pode ser definida como machista em todos os sentido como afirma o (BARBOSA et al, 2011), «cada cidadão era livre de atingir o corpo perfeito, idealizado para tal, os corpos eram trabalhados e construídos, como objectos de admiração que começavam a ser esculpidos e modelados nos ginásios, fundamentais nas *polis* gregas, e que acabavam por ser mostrados, muitas vezes, nos Jogos Olímpicos.

O corpo era uma prova da criatividade dos deuses, era para ser exibido, adestrado, treinado, perfumado e referenciado, pronto a arrancar olhares de admiração e inveja dos demais mortais. (BARBOSA et al, 2011), o autor acrescenta dizendo que «O corpo além de ser mostrado, eram também usado como instrumentos de combate. A vida não era uma graça, mas sim um dom a ser mantido, as corridas, os saltos, os halteres, os discos, os dardos, os carros, eram as provas que as divindades exigiam deles para que se mostrassem dignos de terem sido premiados». Nesta sociedade com a prática da eugenia, as crianças que apresentassem qualquer diferença contra o ideal prevalecente eram eliminadas ou marginalizando as crianças com deficiência, (CASCAVEL, 2006).

Para os romanos, as pessoas nascidas com anomalia eram ligadas a casas comerciais, a tavernas a bordéis, onde meninas cegas se prostituíam, a atividades circenses para trabalhar em determinadas tarefas. Ainda em Roma, “deficientes mentais, em geral tratados como ‘bobos’ e eram mantidos nas vilas ou nas propriedades das abastadas patrícias, como protegidos da parte familiar” (BIANCHETTI, 1998).

## IDADE MÉDIA

O homem cria a religião e nela se aliena buscando felicidade ilusória, um paraíso irreal, aceitando as injustiças sem querer lutar por uma vida melhor. (AZEVEDO, 2012). É isso que se assiste no cristianismo, o autor acrescenta visto que naquela época «só os miseráveis alcançam felicidade e salvação os aristocratas serão sempre maus e perversos. Do corpo educado se transforma em santuário da alma, o que revela a supremacia da alma sobre o corpo, (COSTA, 2011). Deste modo podemos indagar com o surgimento do cristianismo «o corpo passa da expressão da beleza para fonte de pecado, passa a ser “proibido”, (TUCHERMAN, 2004). O mais agravante que se assistia e o que se vivencia nos nossos por parte de igrejas é «à renúncia da alimentação, por largos períodos de tempo, com um quadro semelhante àquilo a que hoje denominamos de anorexia nervosa. Contudo, esta recusa da comida prendia-se, essencialmente, com a vontade de abandonar o material e alcançar o espiritual» (CARMO, 1997). Assim estaríamos contra as normas nutricionais que aconselha a um indivíduo normal a se alimentar de três em três horas e várias vezes por dia mas em proporções menores e para que não traga efeito negativo no organismo.

Segundo o BARBOSA et al, (2011) afirma que «o cristianismo dominou durante a Idade Média, influenciando, portanto, as noções e vivências de corpo da época. A união da Igreja e Monarquia trouxe maior rigidez dos valores morais e uma nova percepção de corpo. Segundo a religião ao colocar o homem como *imagem e semelhança de Deus*, portanto ser perfeito acrescia a ideia da condição humana incluindo-se aí a perfeição física e mental. E não sendo parecidos com Deus, os portadores de deficiências (ou imperfeições) eram postos à margem da condição humana, e tidas como culpadas de sua própria deficiência MAZZOTTA (2005). Neste período as anomalias físicas, mentais e sensoriais são vistas sob o aspecto místico, consequentes de forças demoníacas ou como forma de pagamento por pecados cometidos por seus ancestrais. Com a ascensão do Cristianismo, como a morte não era mais aceitável, as pessoas com deficiências deixam de ser exterminadas e passam a ser segregadas em confinamentos como casas, porões, vales e ilhas.

## RENASCIMENTO

PELEGRINI, (2006), traz o sentimento da valorização do corpo deste período histórico da humanidade dizendo que «as acções humanas passaram a ser guiadas pelo método científico, o corpo sob um olhar *científico*, serviu de objecto de estudos e experiências». A redescoberta do corpo, nessa época, aparece principalmente nas obras de arte, como as pinturas de Da Vinci e Michelangelo, valorizando-se, deste modo, o trabalho artesão, juntamente com o pensamento científico e o estudo do corpo (ROSÁRIO, 2006). Da Vinci magistralmente explorou as razões humanas e fez e sua habilidade em manipular as cores, a arte de provocar variadas emoções e sentimentos. Idade Moderna. O exemplo claro disso é O «*Homem Vitruviano*, Leonardo da Vinci desenha o Homem de Vitruvius, o corpo humano no interior de um círculo e de um quadrado. Expressão de um homem com as proporções perfeitas no espaço de figuras geométricas perfeitas, neste caso a perfeição da representação artística estaria assim garantida pela perfeição matemática», (MONTEIRO, 2003).

O BARBOSA et al, (2011), fundamenta que «o homem era constituído por duas substâncias: uma pensante, a alma, a razão e outra material, o corpo, como algo completamente distinto da alma», essa segregação do corpo limita as potencialidades do corpo humano e faz com que o homem não encontre a corporeidade.

Segundo o (BARBOSA et al, 2011), isso é notado «no crescimento e aperfeiçoamento da produção agrícola e dos meios de transporte da sociedade feudal, aliadas a mudanças sociais que desembocaram no surgimento do sistema capitalista. Assim como resultado do crescimento notou-se que «a forma de produção do sistema capitalista, a partir do século XVII, causou uma mudança drástica nas relações com os trabalhadores, nesta lógica, o corpo mostrou-se tanto oprimido, como manipulável, visto que era percebido como uma “máquina” de acumulo de capital. (BARBOSA et al, 2011). Por conseguinte, na história da humanidade «o ser humano é colocado ao serviço da economia e da produção, gerando um *corpo produtor* que precisa de ter saúde para melhor produzir e adaptar-se aos padrões de beleza para melhor consumir

(ROSÁRIO, 2006). Neste período histórico o corpo do deficiente era posto em asilos, manicômios e hospícios.

## **NA ERA MODERNA**

No final dos anos 1960, a crise da legitimidade das modalidades físicas da relação do homem com os outros e com o mundo amplia-se consideravelmente com o feminismo, a "revolução sexual", a expressão corporal, o *body-art*... (BRETON, 2007). Este fenómeno que surge por necessidade da sociedade «A disciplina vem tornar o corpo mais eficiente, dócil e com base em tecnologias disciplinares, constrói-se uma "anatomia política" para melhor competência do corpo», (MENDES, 2006). Deste modo, o corpo é um objecto controlado socialmente e subjugado por normas e códigos e «aqueles que não respeitavam o *contrato social* eram penalizados, visto que para que para o controlo do corpo usava-se leis sociais, mecânicas e pedagógicas» (VIGARELLO, 1995). Nesses moldes «os castigos tiveram como objecto o corpo com a intenção de controlar suas forças. Por meio de várias estratégias, com múltiplas origens o corpo está inserido em um campo político no qual "as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais" (FOUCAULT, 1997). O autor acrescenta dizendo que, [O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso]. É importante ressaltar que, a partir da Revolução Industrial iniciada no século XVIII e caracterizada pela passagem da manufatura à indústria mecânica, a questão da habilitação e da reabilitação da pessoa com deficiência para o trabalho ganhou força.

## CONTEMPORANEIDADE

O ROSÁRIO, (2006), diz que «na pós-modernidade o corpo é a própria fragmentação, parte-se em pedaços, divide-se e adquire sentido próprio decompõe-se em músculos, glúteos, coxas, seios, boca, olhos, cabelos, órgãos genitais etc...Os avanços da medicina transforma cada um destes pedaços num potencial alvo de consumo e de tratamento» *ex. reconstrução do nariz, implantação de cabelo, preenchimento de rugas, cirurgia correctiva das mamas e ate a descodificação do código genético do corpo humano...*

Como ilustração desta multiplicidade de estilos, vemos, por exemplo, o aumento dos corpos tatuados, dos cabelos pintados das mais diversas cores, os *piercings*... (BARBOSA et al, 2011). Assim sendo «poder-se-á dizer que o corpo pós-moderno não se desvincula da modernidade, mas é capaz de recriar, de inovar e fazer rupturas». (BARBOSA et al, 2011).

Para BAUMAN (2001, 2009, 2010, 2011), ilustra nos que «na modernidade líquida o elemento chave para definir o corpo não é mais o conceito de saúde, mas sim, o conceito de boa forma ou fitness». A boa forma física é procurada em todos quadrantes da sociedade e para que seja alcançada exige sacrifício, perseverança, coragem, dedicação, empenho visto que todas práticas da sociedade moderna obriga o homem a permanecer estático e para poder se manter na boa forma é preciso renunciar algumas práticas ou hábitos.

A Educação Física enquanto prática pedagógica não deve *vender ilusões* aos sujeitos, mas lidar com uma sociedade pautada no consumo e não mais na produção. Neste momento é necessário aceitar a ambivalência do padrão para a concepção corporal e interpretar as diferentes visões das *prateleiras dos mercados* sem render-se aos encantos de tornar-se uma mercadoria, (FENSTERSEIFER, 2008). Para que a educação física não venda ilusões e torne mercadoria é preciso que os profissionais dessa área de conhecimento tenham noção do que fazem e dentro de um corpo do profissional tenha vários corpos como é o caso de: Nutricionista, Sociólogo,

Antropólogo, Psicólogo, Terapeuta, Médico, enfim à fim de interpretar os fenómenos momentâneos no processo de treinabilidade nas modalidades de ginástica, andebol, futebol, voleibol, basquetebol... dependendo da vontade de cada um, visto que «actualmente o indivíduo procura no seu corpo uma verdade sobre si mesmo, que a sociedade não lhe consegue proporcionar». (BARBOSA et al, 2011). Deste modo no desporto «O corpo máquina um radicalismo do corpo-objecto de Descartes...é lubrificado, rentabilizado, aperfeiçoado, num processo em que se tem a ilusão de se fabricar a si próprio... os frequentadores dos ginásios por não se contentarem com os seus corpos optam pelo consumo de suplemento para encontrar o corpo ideal para o ginásio. É assim como sustenta o (GIL, 2001), afirmando que «no desporto não há um corpo único, mas múltiplos corpos».

O corpo contemporâneo vai para além de uma construção simbólica...(SILVA, 2007). Neste caso «através do recurso a uma panóplia de acções e tecnologias os corpos podem ser alterados e reparados segundo diferentes padrões», (BENTO, 2003). De facto à cada vez muitas pessoas que investem no seu corpo com o intuito de obter dele mais prazer sensual e de lhe aumentar o poder de estimulação social assistindo-se a um mercado crescente de produtos e serviços. *Ciber-corpo: que futuro? O corpo pós-moderno*, (BARBOSA et al, 2011). O desenvolvimento tecnológico faz com que nunca como hoje nas sociedades ocidentais os homens utilizaram tão pouco o seu corpo, a sua mobilidade, a sua resistência, (LE BRENTON, 1999).

## **PÓS-HUMANOS**

O pós-humano está inteirinho no belo livro de Paula Sibilia sobre o pós-orgânico. Mas já se encontrava no magistral *Partículas elementares* de Michel Houellebecq, dedicado no seu final no ano 2009 ao homem. Ao homem que fora substituído pelo pós-humano. É Matrix com talento e ironia. O corpo humano deu o que tinha que dar. Maquininha vetusta anacrônica frágil. No pós-humano dá para turbinar a carcaça e usar as tecnologias como radicais extensões do corpo. Tem gente que por necessidade coloca um marca-passo. Isso é o grau zero do pós humanidade. Seio de silicone é apenas a modalidade mais popular, embora a preços ainda elevados.

Em seguida haverá transplante de cérebro para louras burras e de corpo inteiro para morenas complexadas. A racionalidade científica existe para satisfazer a irracionalidade do animal humano. Existem pessoas que fazem operação de alongamento, instalam mais 8 centímetros de canela, fica perfeito, só que não conseguem mais andar. No pós-humano a infidelidade está com os dias contados. Chips instalados nas genitálias de homens e mulheres permitem o controlo por GPS em tempo real e localização do membro traiçoeiro. Quando o crime ou adultério estiver prestes à acontecer o troço emite um bip e a pessoa ameaçada reage acionando a distância um spray paralisante cujo efeito devastador consiste em determinar uma sequência de 37 broxadas consecutivas e implacáveis. É a tecnologia ao serviço da moral e dos bons costumes. No pós-humano a transparência é total. Quem ainda quiser ter contacto com os últimos suspiros da humanidade em retrospectiva leia *O próximo Amor de Yves Simon* e *O Bonde de Claude Simon*. O pós-humano inocula vírus do pré-humano em seus críticos. Os pós-humanos são punks, hards e não brincam em serviço. Há homens que instalam pênis geração Pentium 4 para uso exclusivo em raves. Graças ao desenvolvimento tecnológico e científico acelerado poderemos libertar o máximo de nossos instintos. Mas é muito mais eficaz do que sugeriu Baudrillard. Não só vamos poder nos reproduzir com as amebas por cissiparidade a clonagem como não suportaremos mais as melecas do sexo, as dores do parto, os grunhidos do orgasmo, as pieguices do prazer, as lágrimas da emoção e tudo mais que constitui a breguice da humanidade. Estamos otimistas. O pós-humano permitirá escolher filhos à la carte em supermercados da procriação. Em breve, teremos a entrega de genes por telefone... Chegará o dia em que nossos netos terão de explicar aos filhos para que serviam as pernas dos humanos que se transformarão em apêndices tão inúteis e absurdos quanto o apêndice que temos hoje cuja única finalidade é facilitar algumas maracutaias contra a previdência. Como não precisaremos mais andar ficaremos livres dos engarrafamentos, trabalharemos em casa, não teremos de enfrentar a chatice dos outros e por extensão, perderemos o uso das pernas. No pós-humano era que já começou andar só é chique em esteira e com ajuda de *Personal Trainer*. Houellebecq, com seu pessimismo contumaz, ofereceu seu

livro ao homem. Com meu optimismo contagioso, dedico esta crônica aos macacos. Espero que nunca inventem o silicone” (SILVA, 2003).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ficou comprovada que a preocupação com o corpo ao longo dos tempos foi notória e tornou possível à exposição das ideias que a sociedade influenciou para os seus associados e por via disso a superação do dualismo psicofísico existente na concepção de corpo passou a ser uma possibilidade real. A expressão corporal é socialmente modulável e com base em tecnologias tornamos o corpo mais eficiente e dócil.

## BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO. Simone Maria. Três percepções sobre o homem na perspectiva de Battista Mondin. 2012.
- BAUMAN. Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. Vida em Fragmentos: sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BARBOSA Maria Raquel, et al. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. 2011, Porto, Portugal
- BARBOSA Maria Raquel. Et all. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. 2011. Porto, Portugal
- BENTO Jorge Olímpio. Do corpo e do activismo na conjuntura de mercado e consumo. 2003, *Porto Portugal*
- BIANCHETTI. Lucídio. et al. Um olhar sobre a diferença.: Papirus, 1998. São Paulo Brasil.
- CARMO, I. *Magros, gordinhos e assim-assim: perturbações alimentares dos jovens*. Porto. 1997.
- CASCAVEL: Edunioeste. Programa Institucional de ações relativas às pessoas com necessidades especiais – PEE. Pessoas com deficiência: aspectos teóricos e práticos., 2006
- COSTA Vani Maria - CORPO E HISTORIA. Julho de 2011.
- FENSTERSEIFER, P. E.; PITHAN da SILVA, S. Qualidade de vida e Educação Física: 2008.
- GIL. José. *Movimento total. O corpo e a dança*. Lisboa : Relógio D'Água, 2001.
- GLUSBERG, J. *A Arte da Performance*. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MAZZOTTA, Marcos José. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MENDES Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. 2006.

PELEGRINI, T. *Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais.* (2006).

[[www.urutagua.uem.br/008/08edu\\_pelegrini.htm](http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm)].

ROSÁRIO, N. M.. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose.* 2006

[ [http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia\\_semiotica/](http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/) ].

SILVA, J.M. “Pós-humano”. Porto Alegre, Julho de 2003.

SILVA, P. Cunha. O corpo, laboratório da performance desportiva In J.O. Bento, J. M. Constantino (Coord.), *Em defesa do desporto. Mutações e valores em conflito.* Coimbra Almedina. (2007).

TUCHERMAN, I. *Breve história do corpo e de seus monstros.* Lisboa. (2004)

VIGARELLO, G. *Panóplias corretoras: balizas para uma história.* São Paulo: 1995.